

RESENHA

BRITTO, Paulo Henriques. *Tarde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Eduardo Horta Nassif Veras
Mestrando – Pós-Lit – UFMG

Tarde é um livro sobre a palavra, a palavra que, mesmo esvaziada e divorciada do mundo, resiste como último pilar de sustentação da existência humana. Para Paulo Henriques Britto, a palavra empresta sentido ao mundo – ainda que artificial e provisoriamente –, contrapondo-se, assim, à absurdidade reconhecida no universo pelo pensamento moderno. E a palavra, dessa forma, se faz mágica:

Mais mágica que o mundo, afinal,
A inflacionar o mundo de fantasmas.
Desses fantasmas se faz o real.

Tarde é também um livro sobre a consciência, ou ainda, sobre o crepúsculo da consciência racionalista – seu entardecer – que, em termos históricos, identifica-se com o momento em que a crítica moderna à metafísica clássica volta-se sobre si mesma.

Em *Tarde* realiza-se, portanto, no âmbito da *crítica à crítica* – nos termos de Octávio Paz¹ –, na tênue linha divisória entre a crítica, destronada pela metaironia pós-moderna e o silêncio que sucede a exacerbação dessa mesma crítica. Esse espaço limítrofe é a palavra, é a própria poesia, pois, “no fim de tudo, restam as palavras”.

De um lado da fronteira está, pois, a crítica da crítica – a autodesconstrução. Essa negação da consciência onipotente é também a negação da unidade do eu, que então se vê incapaz de produzir um sentido unívoco para a vida. Daí as versões de si mesmo e as autotraduções que faz o poeta, reescrevendo-se e reescrevendo a tradição.

No primeiro poema do livro, a presença marcante da intertextualidade se expressa nas vozes de Baudelaire e Pessoa – ícones da poesia moderna. No título, eloquente, “Op. Cit., pp. 164-65”, percebe-se a intenção explícita de estabelecer um diálogo com a tradição. Esse diálogo estabelece-se não só como apropriação, mas também como reescrita da tradição. Dessa forma, explicam-se as seções “Cinco sonetos grotescos” e “Cinco sonetos trágicos”, nas quais o poeta apresenta versões mutiladas da forma mais tradicional da Lírica, num procedimento que serve de metáfora à falência dos ideais clássicos.

Na seção “Quatro autotraduções”, Paulo Henriques Britto apresenta traduções de quatro poemas publicados em seus livros anteriores. Três poemas escritos

¹ PAZ. *Marcel Duchamp ou o castelo da pureza*.

originalmente em inglês ganham versões portuguesas e "Sonetinho de verão", publicado em *Trovar claro* (1997), aparece no livro como "Summer sonettino".

Assumindo outras vozes, reescrevendo-se e autotraduzindo-se, o "eu", fraturado, desprovido de unidade e individualidade imutável, aparece sempre como uma construção parcial, uma espécie de invenção de si mesmo, como ensina a autopsicografia de Fernando Pessoa, citada no poema que abre o livro.

Tarde nos relembra que "Só significa o construído/o que é postigo e excedente", que o sentido não se encontra no mundo, mas lhe é atribuído extrinsecamente. Sem a consciência, sem a linguagem, sem a palavra, o mundo é absurdo e vazio:

E quanto ao mundo – o que independe
dos artefatos, o que é dado
a todos e ninguém entende –
o mundo vai bem, obrigado,
e não quer dizer coisa alguma.

Esse esvaziamento, no entanto, aparece também atribuído às ideias. Poemas como o de número VII da seção "Balanços" dão o tom da desconfiança quanto à capacidade do homem de atribuir qualquer significado ao mundo. O nihilismo desses poemas é fruto da desconstrução da própria consciência racional – da "cabeça cansada" – atribuidora de significados:

A folha traça aleatórios torvelinhos
com a mesma persistência estúpida e implacável
com que dança a idéia na cabeça cansada
dizendo sempre nada, nada, nada, nada.

Essa postura desconstrutora permeia boa parte do livro de Paulo Henriques Britto e estabelece uma completa suspensão das certezas. O procedimento parece ser o fundamento poético da obra, pois aparece, em especial, no primeiro poema da seção intitulada "Art poétique".

Na outra fronteira da poesia está o silêncio, a noite que já se anuncia. A exacerbação trágica da consciência crítica, essa "máquina feroz e lúcida/cuja ocupação principal/consiste (...) em transformar a existência numa contagem regressiva", prenuncia o desastre do aniquilamento da própria consciência, que, apesar do "sabor ruim", é vista ainda como desejável, pois "mais dura a delícia que sabe/ a sua própria aniquilação".

Este último verso expressa, aliás, uma postura ética do poeta diante da realidade que se dissolve: o enfrentamento. O amor ao destino é um sentimento que perpassa muitos dos poemas da obra. Diante do absurdo, o poeta alerta:

A face opaca do mundo
Nos encara, fria e cega.
É necessário enfrentá-la
Como se escala uma pedra.
É preciso penetrá-la
Como se houvesse um lá dentro.

O amor ao destino é o amor à lucidez, o amor à consciência que agoniza. O poeta parece querer se agarrar ao que resta da consciência, como quem corre "pour attraper au moins un oblique rayon."² Ao que nos parece, *Tarde* pretende manter vivo o último raio de lucidez e de sentido que mantém a existência humana possível – para além do qual existe a noite absoluta. Britto defende que a palavra é este último raio de sentido e sua sobrevivência depende do canto constante, depende da poesia:

² O verso pertence ao soneto "Le coucher du soleil romantique", de Charles Baudelaire (*As flores do mal*, p. 494).

Toda palavra já foi dita. Isso é
sabido. E há que ser dita outra vez.
E outra. E cada vez é outra. E a mesma.

Nenhum de nós vai reinventar a roda.
E no entanto cada um re-
Inventa, para si. E roda. E canta.

Chegamos muito tarde, e não provamos
O doce absinto e ópio dos começos.
E no entanto, chegada a nossa vez,

Recomeçamos. Palavras tardias,
Mas com vertiginosa lucidez –
O ácido saber de nossos dias.

Poesia que mantém o movimento da roda, poesia que insufla os recomeços, ela aparece, por fim, como tema principal do livro, ratificando a habilidade de Paulo Henriques Britto para a reflexão metapoética e promovendo a reafirmação da dignidade do discurso poético – mesmo diante de sua marginalidade – “em sua solidão mais que perfeita”.

Referências

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. (Edição bilíngue)

PAZ, Octavio. *Marcel Duchamp ou o castelo da pureza*. São Paulo: Perspectiva, 2007.